

CHAICOVISQUE

e o sentido da vida

Warley Matias de Souza

CHAICOVISQUE
e o sentido da vida



Souza, Warley Matias de, 1974-

Chaicovisque e o sentido da vida / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2024.

164 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-92720-7

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

CHAICOVISQUE E O SENTIDO DA VIDA

Copyright © 2024 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *O violino*, de Edwin Deakin.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

NOME DE ARTISTA RUSSO

Quando o menino nasceu, o pai, João de Abreu, decidiu dar-lhe o nome do compositor russo Piotr Ilyich Tchaikovsky. É que João amava as músicas desse gênio e tinha a esperança de que, com o nome, viesse também um nobre talento para o seu filho.

Depois de chorar de emoção ao carregar o menino nos braços, João correu ao cartório para registrar a criança. E, no caminho, decidiu que, em vez de chamar o filho de Piotr, o melhor seria chamá-lo de Tchaikovsky, pois era mais sonoro e mais fácil de falar.

Porém, o homem do cartório não gostava de música clássica e, portanto, nunca tinha lido esse nome (ou melhor, sobrenome) antes.

— Qual o nome da criança? — perguntou, enquanto empurrava os óculos de aros finos sobre o nariz vermelho de tanto espirrar.

O pai, feliz da vida, disse então:

— Tchaikovsky! Tchaikovsky de Abreu!

Então, o homem do cartório levantou as sobrancelhas e digitou assim o nome de nosso protagonista: Chaicovisque de Abreu.

O funcionário estava cansado e mal-humorado. O pai estava muito feliz. Por isso, nenhum dos dois se preocupou em revisar o documento.

DITO E FEITO!

Pois é! Aqui está nosso querido Chaicovisque nove anos depois. É um menino bonito, inteligente e artista! Dito e feito! A esperança do pai se tornou realidade.

Eu, que sou um narrador desconfiado pra caramba, não acredito que o nome tenha dado ao menino o talento musical. O dom dele é próprio, único, intransferível, só dele e de mais ninguém.

Talvez, reconheço, ter ouvido tanto, da boca de seu pai, o quanto o músico e maestro russo era genial, tenha feito o nosso Chaicovisque se interessar pela música. Mas, se não tivesse talento, não seria o que é, um artista.

Porém, Chaicovisque ainda é um artista sem obra. Ele tem melodias inéditas dentro de sua cabeça. Mas não pode mostrá-las ao mundo, pois o menino ainda não sabe tocar nenhum instrumento.

Ele sabe, como nós sabemos que estamos com sede, que seu instrumento é o violino. E o pai prometeu que vai comprar um à prestação para Chaicovisque.

João de Abreu sabe que o filho precisa de aulas também.

— Um problema de cada vez — disse à sua esposa, um dia antes de não voltar.

AMORINHA AZEDA

Chaicovisque, ou Chai, como lhe chamam os colegas da rua e da escola, às vezes, como todo mundo, amanhece com cara de poucos amigos. Nesses seus dias de mau humor, sua mãe o chama, carinhosamente, de “amorinha azeda”.

Ele finge não gostar, fecha a cara ainda mais. Porém, lá dentro de seu peito, seu coraçãozinho sorri, pois se sente aquecido pelo carinho da mãe.

Hoje, porém, o menino acordou animado e com ideia fixa:

— Mãe, vou deixar meu cabelo crescer!

— Ai, menino, cabelo grande dá muito trabalho.

— Sabe qual o nome do cabelo que vou ter?

— Sei, mas pode falar.

— Vi ontem na internet. É um nome em inglês, mas é fácil de falar: “bleque páuer”.

— E você sabe o significado disso?

Ele fica pensativo e, depois, acaba reconhecendo a ignorância:

— Pior que não.

A mãe faz cara de sabida.

— Poder negro! — diz.

Então, os olhos da amorinha brilham intensamente.

A MÃE DA AMORINHA

Eunice é a mãe de Chaicovisque. É bonita e “sabida”. Assim que ele começou a falar — não me lembro com que idade —, logo disse esta palavra: “sabida”.

Ela tem a pele escura e o cabelo curto e crespo. Usa batom cor de amora. E odeia saias e vestidos. Eunice é uma mulher de calças.

Ano passado, no aniversário dela, uma parenta deu-lhe uma saia de presente. Eunice tentou disfarçar a decepção, mas pouco conseguiu. Então, Chaicovisque caiu na gargalhada.

— Liga não, Janice — disse a mãe para a parenta. — Esse menino tem o riso frouxo.

Eunice trabalha em uma fábrica de biscoitos. E agora que o marido não está, ela conta só com a ajuda de dona Maricotinha para cuidar do filho.

Mas nem todos os vizinhos são tão “gente fina”. Alguns torcem o nariz para ela e para o marido. Sabe-se lá por quê!

— Gente mais metida à besta — disse mais de uma vez o açougueiro. — Vê se pode! O menino tem nome de gringo.

— E é, Olinto? — disse, certa vez, a prima da esposa do Olinto, que estava de “passagem de férias”.

— Nome de americano, é sim!

— Né não, pai! — falou a filha do açougueiro, que está sempre de ouvidos e butucas abertos. — É russo!

— E é? — disse a prima.

— Pior ainda! — falou Olinto, muito mais convencido de não gostar.

Mas quando Eunice vai ao açougue, é dona Eunice pra lá, dona Eunice pra cá, como vai a família?, que vai querer pro almoço?, vai pagar à vista!, freguesa que não deve nada a ninguém.

O LAGO DOS CISNES

Eunice fica brava com o filho, pois o menino “acabou com os dados móveis” do celular dela.

— Desculpa, mãe. Eu estava ouvindo... Peraí... eu anotei o nome.

Eunice pega o pedaço de papel e vê escrito assim:

Swan lake: scene from act 2.

— Que letra bonita a sua, Chaicovisque! Parece até desenhada!

— Então, sabe o que significa?

— Isso é inglês! E eu lá falo inglês? Só sei o que é “bleque páuer”.

— Sabia que tem tradutor na internete?

— Ah, é verdade! Pena que você consumiu todos os meus dados móveis.

Chaicovisque dá uma risadinha sem graça.

— Então, mãe. É o lago dos cisnes!

— Hum... já ouvi falar.

— Pois é. Na tradução diz assim: “Lago dos cisnes: cena do segundo ato”. Mas... o que é segundo ato?

— Tem a ver com teatro, menino. Mas não sei explicar direito. Nunca fui ao teatro. Depois, quando eu colocar créditos no celular, você pesquisa.

Pela primeira vez, o menino percebeu que a mãe não era tão “sabida” assim.

— Se meu pai estivesse aqui, ele ia saber, ia sim.
A mãe tenta desconversar. Mas Chaicovisque pergunta:
— Mãe, onde está meu pai?

DEIXA DE PERGUNTAÇÃO!

— Já te disse mil vezes que ele está viajando.

— Mas está demorando demais!

— É coisa de emprego.

— E por que ele não atende o telefone?

— O telefone dele estragou.

— Mas...

— Nem mas nem meio mas! Deixa de perguntação. Arruma suas coisas, porque amanhã tem escola. E, depois, você vai pra casa da dona Maricotinha.

Ele vai para o quarto e, enquanto organiza o material escolar na mochila, uma melodia surge lá dentro de sua cabeça.

É uma coisa assim: tinin... vauim... ê-sun... E segue, e agranda, e se transforma, e...

Nesse momento, o menino só quer ter um violino para tocar a melodia. E se soubesse como, podia até colocá-la no papel.

Não poder mostrar sua música para a mãe, para o pai, para todo mundo, angustia o coração do mocinho.

Por que é artista se não pode ter o instrumento para fazer a sua arte?

— Deixa de perguntação, Chaicovisque! — ele diz para si mesmo.

— Falou comigo? — grita a mãe, do outro quarto.

— Não! Só estava pensando alto! — ele responde.

TININ... VAUIM... Ê-SUN...

A tal música não sai da cabeça de Chaicovisque. Sem violino, só lhe resta então o assobio.

É complexa a canção, pois há momentos de extrema melancolia, seguidos de melodia eufórica. É grandioso!

Tinin... vauim... ê-sun.....

.....
.....
.....

Eunice para no corredor e senta-se no chão, enquanto ouve, emocionada, a canção do filho. E consegue memorizar o trecho mais fácil: tinin... vauim... ê-sun...

No dia seguinte, ela assobia na fábrica de biscoitos, enquanto trabalha. O carregador ouve e assobia também, enquanto enche um caminhão de biscoitos. O motorista do caminhão ouve e assobia também. O frentista do posto de gasolina, onde o caminhoneiro abastece seu veículo, ouve e assobia também. A juíza milionária, que paga para abastecer seu caríssimo carro, ouve e assobia também. A empregada da juíza ouve e assobia também. O porteiro do prédio, conhecido da empregada da juíza, ouve e assobia também. Um jovem esqueitista, ao sair do prédio, ouve e assobia também. Seu melhor amigo para toda a vida ouve e assobia também. Um empregado da mercearia onde o amigo do esqueitista compra

um saco de batatas fritas, ouve e assobia também. Uma mulher cujo marido é carcereiro de um presídio, ao comprar uma barra de chocolate na mercearia, ouve e assobia também. Seu marido, ao chegar em casa, ouve e, no dia seguinte, assobia também. Um velho presidiário ouve e assobia também. E todos os presidiários se esquecem um pouco da dor de não ser livre e assobiam também. O médico da prisão ouve e, mais tarde, assobia também no hospital em que ele trabalha. Um enfermeiro ouve e assobia também. Um jovem publicitário, que visita a mãe doente, ouve e assobia também. E sua chefe ouve, assobia também e coloca a música em um anúncio que faz muito sucesso. E todo o Brasil ouve e, finalmente unido, assobia também. E até os cães e gatos ouvem e, sem saber assobiar, uivam e miam para o céu.

Está vendo como sei de tudo? Acabei contando coisas do futuro. Então, voltemos ao presente. Chaicovisque está em seu quarto e, depois de assobiar, adormece.

FILHO DE LADRÃO, NÃO!

Chaicovisque é um menino que nasceu para a paz. Então, quando dona Maricotinha o vê empurrar o filho do açogueiro, que cai e quase bate a cabeça no meio-fio, ela corre para junto deles, preocupada.

— O que deu em você, meu filho? Quase provoca uma tragédia!

Ela então percebe que Chaicovisque está chorando.

— Filho de ladrão, não! — ele grita, e seus olhinhos tão pretos e profundos estão cheios de raiva e desespero. — Filho de ladrão, não!

O filho do açogueiro se levanta e, meio sem graça, diz assim:

— Desculpa, Chai.

Nossa querida amorinha ainda está muito azeda e se afasta, sem poder conter as lágrimas.

Na casa de dona Maricotinha, Chaicovisque fica quietinho num canto do quintal, pensativo. E a bisavó de Fernandinha decide deixá-lo sozinho ali com seus pensamentos.

— O que aconteceu, minha filha? — pergunta dona Maricotinha à bisneta.

— É que o Nico queria cola de matemática, bisa. E Chai não passa cola pra ninguém, porque é coisa desonesta.

— E ele está muito certo! Mas não foi só isso, foi?

— Isso foi o começo da coisa, bisa. Deixa eu continuar.

— Continua, menina, continua.

— Eles vieram discutindo no caminho, até que o Nico virou pro Chai e disse assim: “Seu filho de ladrão!”. Aí o Chai perdeu a cabeça, bisa, e empurrou o Nico.

— Nossa mãe! Podia ter acontecido uma tragédia! Depois de um breve silêncio, Fernandinha pergunta:

— Bisa, onde está o pai do Chai?